



**Censura nas redes sociais *online*: uma face do gênero epidíctico nas interações digitais.**

**Blame in online social networks: a facet of the epideictic genre in digital interactions.**

Graciele Martins<sup>4</sup>

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Este trabalho volta seu olhar para uma possível atividade de censura retórica em meio digital. A investigação aqui proposta é de natureza básica, abordagem qualitativa e perspectiva descritivo-interpretativa. O *corpus* é composto por duas postagens feitas no *Instagram* durante a pandemia, pertencentes a duas personalidades digitais (@eusougabriela e @eucrisguerra) com alcance nacional e local, respectivamente. Embasam este estudo teóricos da Retórica antiga como, Aristóteles (2005), Cícero (2009, 2010), Quintiliano (1944), e contemporânea, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Os resultados apontam para uma correspondência entre a atividade de censura *online* e a censura retórica no que diz respeito à manutenção da coesão social, delimitando comportamentos inadequados, bem como de valores considerados inegociáveis, como a vida, por exemplo. As reflexões aqui empreendidas sinalizam caminhos frutíferos para futuros estudos interessados no aprofundamento acerca da presença Retórica no ambiente virtual.

**Palavras-chave:** Retórica, Redes Sociais, Censura *Online*, Discurso, Epidíctico, *Instagram*.

**Abstract:** This work focuses on a possible rhetorical censorship activity in digital media. The investigation proposed here is of a basic nature, with a qualitative approach and a descriptive-interpretative perspective. The corpus is composed of two posts made on Instagram during the pandemic, belonging to two digital personalities (@eusougabriela and @eucrisguerra) with national and local reach, respectively. This study is based on ancient rhetoric theorists, such as Aristóteles (2005), Cícero (2009, 2010) and Quintiliano (1944), and contemporary rhetoric, such as Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014). The results point to a correspondence between online censorship activity and rhetorical censorship with regard to maintaining social cohesion, delimiting inappropriate behavior, as well as values considered non-negotiable, such as life, for example. The reflections undertaken here point to fruitful paths for future studies interested in deepening the presence of Rhetoric in the virtual environment.

**Keywords:** Rhetoric, Social Networks, Online Censorship, Discourse, Epideictic, Instagram.

---

<sup>4</sup> gracirpbh@gmail.com



## 1- Introdução

Este estudo tem como objetivo propor uma breve reflexão acerca da retórica na esfera digital a partir de alguns posicionamentos de sujeitos virtuais em suas redes sociais *online*, buscando verificar a possibilidade de classificá-los como discursos dados à censura, destacando, assim esta dimensão do gênero epidíctico nas interações mediadas pela internet. O ambiente virtual, como definido por McLuhan (1964)<sup>5</sup>, tornou-se uma grande aldeia global, com a aproximação entre povos e culturas promovida pela interação digital, amplificada em muito pelas redes sociais *online*. E como grande aldeia, práticas discursivas diversas são observadas buscando estabelecer pontos em comum, regras, valores, tanto baseados naqueles vividos na vida física, quanto criados especificamente para a vida virtual. Neste espaço mensagens circulam o tempo todo, sendo as plataformas interativas (como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, por exemplo) arenas em que estes discursos são compartilhados em busca de adesão e manutenção da coesão social também nesta dimensão.

A partir da observação empírica dos debates gerados neste espaço, com especial interesse para aqueles em que os sujeitos são criticados, uma questão se levantou: Comentários e *post's* que reprimem determinados comportamentos podem ser considerados discursos dados à censura conforme os postulados retóricos? Intencionando responder a esta pergunta organizamos este estudo em seções, sendo a primeira aquela em que empreendemos uma pesquisa bibliográfica sobre o gênero epidíctico, parte integrante de nossa tese de doutoramento<sup>6</sup>, conforme os antigos, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, bem como sobre os contemporâneos estudos de Perelman e Tyteca. Na segunda pontuamos de maneira objetiva algumas características da rede social *Instagram*, e na terceira seção, procedemos a um breve estudo de caso desta rede social, selecionando para a análise uma postagem de um perfil de amplitude<sup>7</sup> nacional (@*eusougabriela*) e uma de um perfil de amplitude estadual (@*eucriguerra*). Também foi critério na seleção do *corpus*, o envolvimento dos perfis em polêmicas com grande repercussão *online* no período entre Março de 2020 e Março de 2021. Para análise do material coletado utilizamos como categorias de análise: O uso da figura retórica amplificação, própria do gênero epidíctico, os efeitos de sentido e representação de valores circulantes, e as escolhas lexicais, ligadas à dimensão da censura por meio de elementos inscritos no campo lexical da

<sup>5</sup> O autor tratou sobre o tema em sua obra: “Os meios de Comunicação como Extensão do Homem”, de 1964.

<sup>6</sup> LOURENÇO, Graciele Martins. 90 anos de Histórias: Manifestação Multimodal do *Ethos* na Conformação do Caráter Institucional da UFMG. 2022. 274f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/47319>

<sup>7</sup> A amplitude dos perfis é aqui determinada pelo número de seguidores de cada um, sendo o @*eusougabriela* de alcance nacional, com 5,5 milhões de seguidores, e o @*eucriguerra* de alcance mais restrito, com 181 mil seguidores.



Nº9 (2023)

35

desqualificação, inadequação, medo e vergonha. Os resultados das análises apontaram uma possível classificação para as atividades de crítica e julgamento *online*, como parte da censura retórica a partir de seu impacto na mobilização de ações dentro e fora do âmbito digital, e de sua capacidade de acrescentar informações que contestem argumentos compartilhados livremente nas redes, enfraquecendo os comportamentos capitaneados por eles.

## 2- O Gênero Epidíctico: De Aristóteles a Perelman

Começamos a tratar o gênero epidíctico a partir dos trabalhos de Aristóteles, tendo em vista sua importância para os estudos retóricos, levando em consideração a vastidão de suas obras e sua dedicação à classificação e catalogação tanto dos gêneros retóricos quanto dos argumentos e elementos argumentativos convenientes a cada um deles. Seus estudos serviram como base tanto para Cícero, mesmo que este não reconhecesse, como afirma Barthes (1975), quanto para Quintiliano, permitindo-lhes analisar a atividade retórica em sua realidade histórica, expandindo o legado da arte através do tempo.

Aristóteles (2005), em *Retórica*, apresenta o gênero epidíctico como sendo aquele que se ocupa da virtude e do vício, sendo seu objetivo elogiar as virtudes e censurar os vícios. O filósofo alerta que ao falar sobre vícios e virtudes de outrem, o orador é também afetado pelo discurso, passando a ser considerado como detentor daquele caráter que enuncia, o que inspira cuidado na construção de suas premissas. Partindo da virtude como a premissa base de todas as outras pertencentes à oratória epidíctica, Aristóteles (2005) salienta que

As maiores virtudes são, necessariamente, as mais úteis aos outros, posto que a virtude é a faculdade de fazer o bem. Por esta razão se honram sobretudo os justos e corajosos; pois a virtude deles é útil aos demais na guerra, e a daqueles é útil também na paz. Segue-se a liberalidade; pois os liberais são generosos e não disputam sobre as riquezas, que é o que mais cobiçam os outros. A justiça é a virtude pela qual cada um possui os seus bens em conformidade com a lei; e a injustiça é o vício pelo qual retém o que é dos outros, contrariamente à lei. A coragem é a virtude pela qual se realizam belas ações no meio do perigo, como ordena a lei e em obediência à lei; o contrário é covardia. A temperança é a virtude pela qual uma pessoa se conduz como a lei manda em relação aos prazeres do corpo. O contrário é intemperança. A liberalidade é a virtude de fazer bem com o dinheiro. A avaréza é o contrário. A magnanimidade é uma virtude produtiva de grandes benefícios; a mesquinhez, o seu contrário. A magnificência é a virtude de fazer coisas grandes e custosas; a mesquinhez e a miséria, seus contrários. A prudência é a virtude da inteligência mediante a qual se pode deliberar adequadamente sobre os bens e os males de que falamos em relação à felicidade. (ARISTÓTELES, 2005, p. 125)



Sua medida é, portanto, o seu alcance, devendo-se sempre preferir o bem que a muitos atinge ao benefício individual. Preocupar-se com a coletividade atento à utilidade de suas virtudes deve ser também uma característica do orador na epidíctica Aristotélica. As virtudes apresentadas como premissas possíveis para os discursos laudatórios também expõem valores compartilhados pela sociedade naquele período histórico, como estar pronto a servir na guerra, contentar-se com seus bens, fazer bom uso do dinheiro. São elas também que delimitam o objeto da censura, apresentada pelo filósofo sempre como contrário de uma virtude, sendo seus discursos, portanto, sempre vistos em perspectiva do que é bom e aceitável em dado momento histórico.

Os discursos do elogio, normalmente proferidos sob esta nomeação em situações cerimoniais, traziam uma mensagem que, além de enaltecer (ou desmerecer) o caráter daquele objeto do louvor, lembravam aos ouvintes os valores compartilhados por aquela comunidade. Aristóteles (2005, p. 127) destaca que é interessante aproveitar características que podem ser consideradas próximas como atributos positivos no elogio, apresentando como exemplo o colérico e furioso descrito como franco. Também aconselha a observar o auditório para o qual se apresentará o orador, para que utilize as virtudes que lhes são consideradas realmente honrosas, evitando correr o risco de não ser compreendido ou de lançar mão de elementos irrelevantes para esta comunidade.

O estagirita faz uma diferenciação entre os discursos do gênero epidíctico, a saber: elogio, encomio, bênção, felicitação, conselho.

O elogio é um discurso que manifesta a grandeza de uma virtude. É, por conseguinte, necessário mostrar que as acções são virtuosas. Mas o encómio se refere às obras (...) e por isso fazemos encómio de quem realizou algo. (...) As bênçãos e as felicitações são idênticas uma à outra (...). O elogio e os conselhos pertencem a uma espécie comum; pois o que se pode sugerir no conselho torna-se encómio quando se muda a forma de expressão. De sorte que, quando quiseres elogiar, olha para o conselho que poderá dar; e quando quiseres dar um conselho, olha para o que se pode elogiar. (ARISTÓTELES, 2005, p.129)

Ao falar em tom de aconselhamento, o orador deve se dirigir à coletividade, incluindo-se entre aqueles que ouvem tal palavra, e ao elogiar o orador se dirige a uma figura específica, objeto de sua laudação, assim como na censura. É importante observarmos que mesmo que Aristóteles não se aprofunde sobre este exercício entre o elogio e o conselho, está posta uma relação entre eles, o que por si só já torna possível um vislumbre deste gênero entremeando os demais. Merece destaque também o uso da expressão de acordo com a intenção de comunicação do orador, se seu desejo é elogiar convém apropriar-se da expressão de uma maneira, se sua intenção é aconselhar, usa-se de outra forma, o que nos remete ao entendimento da linguagem como instrumento de construção de sentido, e, portanto, de poder. Utilizar-se da expressão conforme sua intenção de comunicação é um



exercício retórico de poder que interfere na interpretação do espectador e nas ações motivadas pela mensagem compartilhada.

Esta intenção de comunicação permanece viva em Cícero (2009<sup>8</sup>), ao determinar que as regras para o louvor e censura extrapolam o discurso, servindo também como regras para o bem viver de uma forma geral. Reafirma então o exercício de poder retórico por meio de um gênero discursivo que compila valores e costumes de uma comunidade, trata-os discursivamente e os compartilha como elogio ou censura a algo ou alguém, não como um fim em si mesmo, mas como um recurso com a função social de estabelecer as bases para uma vida plena em sociedade.

O estudo deste gênero em Cícero (2009; 2010<sup>9</sup>) é também voltado para o cultivo da benevolência do auditório, entendendo-o de uma maneira mais ampla, como parte dos outros gêneros. Em *Do Orador*, Cícero (2009) apresenta um diálogo entre Cátulo e Antônio, em que o elogio é apresentado como parte da natureza das coisas, não sendo necessária sua separação em um gênero específico, segundo o autor o conteúdo do epidíctico não se apoiaria na arte e sim na percepção do orador adquirida a partir da experiência (sobre as virtudes e vícios) em outras causas e na própria vida.

De fato, daquelas fontes de onde se tomam os preceitos para todos os ornamentos do discurso, será possível ornar também o louvor, e não faltaram aqueles elementos, pois, embora ninguém os ensine, quem é que não sabe o que deve ser elogiado num homem? (...) no que a natureza ou a fortuna concederam aos homens, podia suportar tranquilamente ser superado; naquilo que os próprios homens não podiam suportar serem vencidos; quem louvar alguém notará que deve tratar dos bens da fortuna; tais são os de estirpe, dinheiro, parentes, amigos, recursos, saúde, beleza, força, engenho e demais coisas que são do corpo ou externas; se os teve, fez bom uso deles; se não os teve, que passou sem eles com sabedoria; se os perdeu, que o suportou com moderação; depois, o que aquele a quem se louvar fez ou suportou com sabedoria, nobreza, coragem, justiça, grandeza, piedade, gratidão, humanidade, enfim, com alguma virtude. Aquele que quiser louvar perceberá facilmente esses pontos e os deste gênero; aquele que quiser vituperar, os seus contrários. (CÍCERO, 2009, p.203)

A virtude aparece também em Cícero como única fonte digna de louvor, sendo sua ausência o fator que inviabiliza o elogio e faz nascer a crítica (CÍCERO, 2009). O autor afirma que acima de tudo, os louvores dizem respeito à dignidade humana, tanto quando elogia-se a sabedoria, por exemplo, quanto quando censura-se a falta dela, pois o fim é que a dignidade seja ressaltada como exemplo do que deve ou não ser feito a fim de preservá-la ou resgatá-la. Cícero (2010) pondera que o

---

<sup>8</sup> Neste estudo utilizamos uma tradução feita por Adriano Scatolin (2009), em sua tese de doutorado conforme consta nas referências ao final do trabalho.

<sup>9</sup> Neste estudo utilizamos uma tradução feita por Nídia Pinheiro (2010), em sua dissertação de mestrado conforme consta nas referências ao final do trabalho.



epidíctico não é dado à argumentação direta, pois não trata sobre questões conflituosas e sim sobre aquilo que já é posto, as características da virtude ou do vício, e o que sobrevém ao seu exercício, sendo então, sua natureza mais voltada para movimentação dos ânimos dos ouvintes por meio de relatos e exposição de acontecimentos, de forma a amplificar e solidificar ainda mais os valores compartilhados em dado momento histórico. Assim, o autor concorda com Aristóteles (2005) sobre a amplificação, o exemplo e a narração como elementos discursivos característicos do gênero. Ele orienta ainda, que deve ser preocupação constante do orador nos discursos epidícticos a distinção entre as virtudes e os vícios, devendo por vezes deixar claros em seu discurso seus contrários como orientação ao auditório para que este não se confunda e não corrompa sua virtude.

É por esta razão que a capacidade de louvar e censurar se obtém a partir destas distinções entre o vício e a virtude. Mas é naquilo a que podemos chamar a estrutura do discurso que cumpre destacar certos pontos: nascimento, educação, instrução, formação do carácter, e episódios notáveis ou extraordinários, sobretudo, se parecerem ter resultado de intervenção divina. (CÍCERO, 2010, p.80)

Na tessitura do elogio Ciceroneano então, estes são os lugares-comuns: a fonte, onde o orador deve buscar uma construção discursiva que aponte as virtudes; os exemplos, ou por vezes os excessos e maus exemplos, sempre com palavras adequadas, observando o que exige cada ocasião, assim como o público para o qual fala, primando por ser agradável, e não inoportuno. Assim como em Aristóteles (2005) a censura acontece em perspectiva daquilo considerado virtuoso, sendo a manutenção, ou restauração, destas virtudes então, o grande fim também dos discursos dados à censura.

Para Quintiliano (1944), o gênero epidíctico também entremeia os outros gêneros retóricos, indo além de situações cerimoniais e assumindo antes um tom pragmático, sendo capaz de dar suporte ao processo de decisão presente tanto no deliberativo quanto no judicial, ao fornecer elementos de sentido que permitam ao auditório avaliar os envolvidos nas causas a partir da lógica das virtudes, de sua presença ou ausência. Sendo assim, seus discursos são imprescindíveis para que tomadas de decisão que afetam todo o coletivo sejam feitas levando em consideração valores, hábitos e costumes da sociedade no momento em que o conflito está sendo tratado discursivamente. Ele reafirma, assim como Cícero (2009, 2010), que o gênero epidíctico não tem como objetivo a persuasão, e sim a formação de juízo dos ouvintes do discurso como subsídio para tomada de decisão futura. E destaca, assim como os demais, a importância do se conhecer o auditório:

Porque é muito necessário conhecer os costumes dos ouvintes, e as opiniões que entre eles correm, para assim regularmos o discurso, fazer-lhes crer, que as coisas, que eles têm por louváveis, se acham nas pessoas que elogiamos; ou que aquelas, que eles detestam, se acham naqueles que vituperamos. (QUINTILIANO, 1944, p.118)



Mais uma vez a construção retórica apresentada como um operador social que capta valores predominantes na sociedade e os utiliza no discurso como elemento de identificação e coesão, o que faz com que ao mesmo tempo estes valores evocados sejam ainda mais reforçados e legitimados em um movimento constante de representações de mundo que se legitimam ou se atualizam discursivamente. São construções alicerçadas em aspectos comumente aceitos e que ancoram representações que servem a um propósito específico que pode ser particular, como no caso de um litígio, por exemplo. A atividade retórica, mesmo quando praticada na antiguidade, atende a motivações sociais que, especialmente em situações de louvor ou censura, interpreta e significa aspectos sociais da vida cotidiana dentro de um espectro do aceitável ou não, regulando, portanto, a ação social que se dará a partir da circulação de seus discursos.

Finalizando as considerações sobre o gênero epidíctico, observemos a visão de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), que se aproxima bastante de Quintiliano (1944), sobre a importância de seu apoio aos outros gêneros retóricos no que diz respeito à sustentação social, o que confere a ele um lugar central no processo persuasivo enquanto elemento que promove a coesão social e a legitimação de valores circulantes.

É nessa perspectiva, por reforçar uma disposição para a ação ao aumentar a adesão aos valores que exalta, que o discurso epidíctico é significativo e importante para a argumentação. Por não ser a reputação do orador a finalidade exclusiva dos discursos epidícticos, sendo no máximo uma consequência deles, é que um elogio fúnebre pode, sem indecência, ser pronunciado à beira de uma tumba recém-aberta, é que um discurso de quaresma pode visar a outra coisa que não a glória do pregador. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p.56)

O epidíctico se caracteriza aqui não por ser um espetáculo, e sim uma dimensão em que o conforto dos valores compartilhados assegura uma comunicação mais harmoniosa, direcionada para a manutenção dessa segurança que garante ao auditório que suas crenças continuam em vigor. Importa-nos dizer que os autores também dão relevo ao potencial dos discursos epidícticos para mobilizar seu auditório para ações em momentos distintos daquele em que o discurso foi proferido, exatamente por movimentarem as disposições dos ouvintes, seja com elementos emocionais ou que provoquem identificação. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), os efeitos dos discursos deste gênero vão além de seu ato, sendo capazes de despertar seu auditório para ação no momento oportuno.

É destaque também para os autores a matéria sobre a qual repousa o gênero epidíctico: valores, caracteres, virtudes. Assim como os antigos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) entendem o gênero como aquele que trata sobre o que é adequado ao indivíduo para a sua correta integração social.



“Não receando a contradição, nele o orador transforma facilmente em valores universais, quando não em verdades eternas, o que, graças à unanimidade social, adquiriu consistência.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p.57). O que nos remete novamente ao potencial para representação de realidades simbólicas que a retórica tem, sendo as construções discursivas as responsáveis por se apropriar da opacidade da língua para cristalizar visões de mundo que, frequentemente, podem beneficiar um grupo social em detrimento a outro.

### 3- Comunicação na era da Internet – O fenômeno *Instagram*

Para a devida compreensão do processo de formação do sentido no *corpus* escolhido cumpre tecermos algumas considerações acerca da Comunicação na dimensão virtual, bem como da rede social *online Instagram*. O surgimento da internet acontece como parte do processo de desenvolvimento dos meios de comunicação de maneira geral, iniciado praticamente de maneira simultânea ao desenvolvimento da linguagem, pois a necessidade de fazer-se compreender tornou-se tão urgente quanto a de fazer circular estes entendimentos por meio de registros, como as pinturas rupestres, por exemplo, e materiais que garantissem o compartilhamento de conhecimento, cultura e memória ao longo do tempo. Um importante marco histórico nesse sentido foi o desenvolvimento das primeiras formas de papel e impressão, na China do século III, seguindo para a Europa a partir do século VIII. (SILVA; LOURENÇO, 2014). De lá para cá, nos permitiremos alguns saltos no tempo, muitos foram os marcos históricos na Comunicação humana, entre eles o surgimento do rádio, e da televisão, por exemplo, que chegaram ao Brasil em 1923 e 1950 respectivamente, mudando a relação dos indivíduos com a informação e o entretenimento. (SILVA; LOURENÇO, 2014). Depois dessas duas mídias, a internet é, para Wolton (2003), o marco mais definitivo neste processo, não só por apresentar outras possibilidades de Comunicação, mas por alterar de forma irremediável a sua lógica, reorganizando a percepção e concepção das mais variadas práticas sociais. A criação da *Word Wide Web (WWW)*<sup>10</sup>, por volta de 1990, não só conectou computadores e tornou possível o compartilhamento de milhares de informações, mas também iniciou uma transformação no modo de vida dos sujeitos com acesso a este universo, especialmente no que diz respeito à sua presença nas redes sociais *online*.

A rede social *online* é um espaço virtual em que o sujeito cria sua personalidade digital por meio de um perfil com fotos, vídeos e textos que representem aquilo que ele considera relevante em matéria de valores e propósitos. Em seu perfil *online* o sujeito pode projetar a sua identidade conforme a

<sup>10</sup> Criada pelo pesquisador inglês Tim Berners-Lee. (SILVA; LOURENÇO, 2014)



realidade em que ele acredita. Estas redes são chamadas por Castells (2006, p.442) de “comunidades virtuais”, que reúnem as pessoas, no formato *online*, em torno de interesses em comum. O *Instagram* é uma dessas redes que reúne milhões de usuários ao redor do mundo. Esta plataforma foi desenvolvida pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, sendo lançada oficialmente em 2010, disponível inicialmente apenas para usuários dos *smartphones* da marca *Apple*. A partir de 2012 os engenheiros de *software* desenvolvem uma versão para os *smartphones* com sistema operacional *Android* tornando-se então, um fenômeno digital. Em 2021 o *Instagram* alcançou a marca de 2 bilhões de usuários conectados, sendo eleita a segunda maior rede social *online* do mundo. Os brasileiros ocupam uma grande parcela deste número, sendo o segundo país em número de usuários da rede, ficando atrás somente dos Estados Unidos. (BARROS, 2022<sup>11</sup>)

Sempre alerta às mudanças no comportamento de consumo de seus usuários, bem como às novidades lançadas por seus concorrentes, o *Instagram* segue em constante evolução, ofertando cada vez mais possibilidades de compartilhamento de conteúdo, como criação e compartilhamento de filtros, memes, *sticker's* e muito mais. A inserção da funcionalidade de criação e circulação de vídeos, tanto em *stories*, quanto *reels* ou mesmo no *feed*, é resultado da constante análise de oportunidades frente a outras plataformas que também atuam no mercado, aumentando em muito a relevância da rede, como afirma Barros (2022). O estudo apresentado neste artigo analisa exatamente duas postagens neste formato, conforme detalharemos na seção de análise a seguir.

#### 4- Censura *online* - Análises

Esta é uma pesquisa de natureza básica, cujo intuito é ampliar os conhecimentos acerca do campo estudado por meio da compreensão de um dado fenômeno natural, neste caso a atividade de censura *online*. As análises aqui empreendidas visam descrever o objeto de estudo, censura digital, com vistas a investigar sua possível correspondência com a censura retórica. Para tanto apresentamos nas seções anteriores uma breve revisão bibliográfica que se ocupa do gênero retórico do elogio, a epidíctica retórica, e nesta seção apresentaremos um breve estudo de caso da rede *Instagram* ancorado em dois perfis de usuários (@eusougabriela e @eucrisguerra). Os dados foram coletados por meio de análise de conteúdo cujo filtro foi estabelecido pelo critério: a) polêmicas *online* envolvendo críticas e julgamentos direcionados aos perfis ou proferidos por eles. Para análise qualitativa dos dados estabeleceram-se as seguintes categorias de análise: Uso da figura retórica amplificação, própria do gênero epidíctico, efeitos de sentido e representação de valores

---

<sup>11</sup> BARROS, Matheus. O Instagram Completa 12 anos; Relembra a História da Rede Social. Disponível em: [Instagram completa 12 anos: relembra a história da rede social - Olhar Digital](#) Acesso em: Abril 2023



circulantes, escolhas lexicais, ligadas à dimensão da censura por meio de elementos inscritos no campo lexical da desqualificação, inadequação, e do medo e vergonha.

A amostra de análise foi selecionada da seguinte maneira:

- a) O critério em comum foi o gênero feminino e o envolvimento dos perfis em polêmicas *online* que viralizaram na rede;
- b) No perfil *@eusougabriela* a amostra foi selecionada entre os comentários direcionados à dona do perfil. Entre os mais de 18 mil comentários deixados em uma postagem da influencer, foram selecionados os mais recentes, com menos de duas horas de publicação, priorizando: patrocinadores, celebridades e pessoas que marcaram patrocinadores.
- c) No perfil *@eucrisguerra* a postagem em análise é um vídeo e foi considerada em sua totalidade, tendo destacados trechos relacionados às categorias de análise estabelecidas.

Antes de iniciarmos as análises propriamente ditas, importa-nos dizer ainda que os comentários selecionados no *@eusougabriela* foram os mais representativos por carregarem partículas que evidenciam o fenômeno em análise uma vez que fazem uso de elementos variados pertencentes à dimensão de sentido ligada à censura. Isso posto, passemos então à análise do *corpus*, começando pelo primeiro recorte, no perfil *@eusougabriela*.

#### 4.1 *@eusougabriela*<sup>12</sup> – Gabriela Pugliesi – (Instagram, abril 2020)

Gabriela Pugliesi, hoje chamada apenas de Gábi, é designer industrial e começou sua jornada como influencer digital próximo a 2010, no período em que os *blogs* aumentaram sua popularidade no Brasil. Compartilhando dicas de saúde e bem-estar a blogueira alcançou rapidamente um espaço relevante no formato digital, chegando a ter 150mil acessos mensais em seu *blog*: “*Tips4life*”. Em 2013 então, ela deixou a carreira no desenho industrial para se dedicar ao seu *blog* e ao canal no *youtube*, com o mesmo nome, iniciando também sua criação de conteúdo em outras plataformas como o *Instagram*, por exemplo. Nesta rede ela começou a compartilhando diariamente fotos de detalhes da sua vida cotidiana como alimentação balanceada, roupas, lugares visitados, atividades físicas, bem como mudanças corporais ocasionadas por seu estilo de vida, o que promoveu um grande engajamento do público transformando-a em uma *influencer* relevante no cenário nacional. Apesar de em seu perfil ela colecionar fotos e vídeos de uma vida saudável, volta e meia seu nome é envolvido em polêmicas dentro e fora das redes que vão desde assuntos ligados a relacionamentos

<sup>12</sup> O autogolpe de Gabriela Pugliesi. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/sem-nocao-e-fuga-de-patrocinadores-o-autogolpe-de-gabriela-pugliesi/>.



amorosos da blogueira até acusações de exercício ilegal da profissão de nutricionista, por exemplo. A última grande polêmica envolvendo Gabriela ocorreu em 2020, quando a blogueira gravou um vídeo utilizando uma expressão popular de baixo calão ao dar uma festa em sua casa durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de SARS Covid-19. A repercussão desta postagem é o que analisamos neste estudo intencionando de investigar um possível enquadramento retórico das críticas dirigidas a ela.

Neste recorte do gênero epidíctico dedicado à crítica então, nos atentaremos ao processo de amplificação provocado pelos comentários, os possíveis efeitos de sentido produzidos e as emoções e valores evocados. Como afirmam Aristóteles (2005, p.130) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p.57) a amplificação é a estratégia logicamente ligada ao epidíctico por ser capaz de exaltar e firmar valores universais aumentando a adesão do público a eles, tornando ainda mais fortes as tramas do tecido social. Também Cícero (2009, p. 283) afirma que “a qualidade mais alta da eloquência é amplificar um tema pelo ornato, que serve não apenas para aumentar algo ou elevá-lo pelo discurso, mas também para rebaixá-lo e diminuí-lo”. Para isso o orador deve demonstrar como as más ações (no caso da censura) do objeto se filiam a vícios e defeitos de caráter capazes de ameaçar os valores estabelecidos, acordados por uma comunidade.

A censura nesta primeira parte do *corpus* é deflagrada por um discurso inicial, com apenas uma frase: “foda-se” a vida, em que a autora utiliza uma expressão considerada de baixo calão para se referir ao valor universal vida, que detona uma grande mobilização para censura e punição não só do comportamento, mas também da personalidade digital envolvida. No dia 25 de abril de 2020, a digital *influencer* Gabriela Pugliesi, com mais de 4 milhões de seguidores no *Instagram*, organiza uma festa em sua casa e publica durante a madrugada *stories*<sup>13</sup> em que ela comemora a companhia de vários amigos aglomerados no evento e dispara: “foda-se” a vida em uma das filmagens abraçada com suas amigas.

---

<sup>13</sup> Recurso pertencente à plataforma, em que o usuário pode publicar pequenos vídeos ao vivo em seu perfil, ficando 24h no ar.



A partir de então inicia-se uma onda de comentários de internautas no perfil da influenciadora no *Instagram*, censurando sua atitude em meio ao problema social vivido pelo mundo e buscando a mobilização das marcas representadas por ela para se posicionarem diante da ameaça à vida, um valor inquestionável. Apresentamos abaixo uma amostra destes comentários em que é possível observar o movimento de amplificação provocado por sua soma<sup>14</sup>, resultando na aplicação por parte de algumas marcas de sanções efetivas à influenciadora. Em sua maioria os comentários apresentam censuras violentas que reduzem a *influencer* a uma pessoa egoísta, desrespeitosa e irresponsável.



Figura 1- Comentário 1, 3, 4.

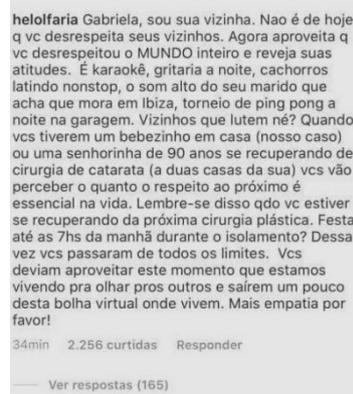


Figura 2 - Comentário 2

Para além do comportamento, as críticas dirigidas à Gabriela Pugliesi nestes comentários atingem também a sua figura, sua imagem digital, ligando-a a vícios como libertinagem e indolência, o que a torna menos confiável aos olhos de seu público.

Observamos também a enumeração de atividades realizadas por Gabriela em seu dia a dia encenando-as como atitudes viciosas, que revelam os defeitos de conduta dela e sua face desrespeitosa e egoísta. Como no segundo comentário em que a internauta diz: “(...) *Não é de hoje que você desrespeita seus vizinhos. (...) É karaokê, gritaria à noite, cachorros latindo nonstop, o som alto do seu marido que acha que mora em Ibiza, torneio de ping e pong à noite na garagem.*” Ao elencar tais passagens a oradora expressa sua indignação e convida o leitor a compactuar com ela desse sentimento.

A enumeração feita pela dona do comentário confere ritmo à narrativa e altera a disposição dos ouvintes na medida em que é capaz de despertar um crescente de sentimentos em relação ao fato narrado e, neste caso, ao objeto do discurso. Além da enumeração, como recurso para amplificação dos valores ameaçados e reforço dos efeitos de sentido, observamos que as escolhas lexicais contribuem de maneira definitiva com este processo e concorrem para o deslocamento da

<sup>14</sup> Gabriela Pugliesi tinha à época mais de 4 milhões de seguidores só no *instagram*, o que gerou acima de 18 mil comentários só nas duas horas seguintes após o ocorrido. Objetivando dinamizar a análise, foram recortados os 12 comentários mais relevantes como amostra.



personalidade digital de Gabriela, do lugar de influenciadora para o de desnecessária, e até nociva, na rede social *online*.

#### 4.1.1 Escolhas lexicais

Observamos intenções variadas nas escolhas lexicais dos comentários, porém todos apresentando termos e expressões ligados ao campo lexical das palavras pejorativas, que diminuem e desqualificam a influenciadora ao longo dos textos. Alguns também com o intuito de persuadi-la a adotar uma conduta considerada pela comunidade como correta, usam termos e expressões ligados ao campo lexical do medo, sentimento que permeia o contexto de produção dos discursos. Usam também termos e expressões ligados ao campo da repreensão, proibição, próprios da censura. Abaixo apresentamos em **negrito** sua presença nos textos:

- Tão pedindo **CAMINHÃO** PROS HOSPITAIS. Pq tá um **CAOS**. Minha prima **MÉDICA** (que pegou) chega **CHORANDO** em casa. Pq eles já tem que **ESCOLHER QUEM SALVAR**. (...) tem **JOVEM** saudável **MORRENDO**. (comentário 1)
- (...) Eu acho que **ESSA ATITUDE**, ainda mais pra um monte de gente que te segue e se inspira na sua vida saudável, foi **INADMISSÍVEL**. (comentário 1)
- (...) nesse momento **NÃO EH PERMITIDO INCENTIVAR** aglomeração. (comentário 1)
- Não é de hoje que **VOCÊ DESRESPEITA** seus vizinhos. Agora aproveita que **VOCÊ DESRESPEITOU O MUNDO** inteiro e **REVEJA** suas atitudes. (comentário 2)
- Dessa vez **VOCÊS PASSARAM DE TODOS OS LIMITES**. (comentário 2)
- Vcs deviam aproveitar esse momento que estamos vivendo pra olhar pros outros e saírem um pouco dessa bolha virtual onde vivem. **MAIS EMPATIA POR FAVOR!** (comentário 2)
- (...) Milhares de pessoas sendo **ENTERRADAS** em valas comuns! Milhares de pessoas **SEM PODER SE DESPEDIR** dos parentes. (comentário 3)
- (...) minha mulher, **MÉDICA**, **CORRENDO O RISCO DE SER CONTAMINADA** pq todo dia tá na **LINHA DE FRENTE** combatendo o **VÍRUS!** (comentário 3)
- **IRRESPONSÁVEL! IRRESPONSÁVEL demais!** **FODA-SE A SUA VIDA**, respeite a do próximo! (comentário 3)
- E quem sair de casa pra ir numa festa, eh **CRIMINOSO, IRRESPONSÁVEL!** (comentário 3)
- Gabriela só vira notícia por falar ou **FAZER MERDA**. (comentário 4)
- Tá na hora de **REPENSAR**. (comentário 4)

As escolhas lexicais ligadas ao medo acionam possíveis gatilhos mentais capazes de despertar grande temor no auditório, pela iminência deste mal (covid-19) chegar mais perto a partir de atitudes como a de Gabriela, classificada então, como inadmissível e irresponsável. A escolha da palavra mundo, no segundo comentário, amplia a nocividade do comportamento da influenciadora, de uma ação local para uma ação global, pois agora ela desrespeitou o mundo, o que pode causar ainda mais indignação no auditório e adesão ao discurso de defesa dos valores a partir da crítica severa. Conforme afirma Brandão (2011)

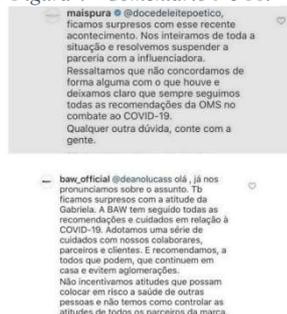
(...) essas atividades são encenadas de tal forma que nos são apresentadas como verdadeiros malfeitos, vícios, desvios de conduta e tem como efeito provocar, por acumulação uma reação emocional que amplia progressivamente o sentimento de repulsa (...) e, conseqüentemente, leva o leitor a aderir ao sentimento de indignação do locutor. Esse sentimento provoca no leitor uma percepção não de algo extraordinário, daquilo com que se deve comungar porque é eticamente consensual, como seria no discurso do elogio, mas a percepção disfórica do absurdo, de uma tópica fora do lugar, inconcebível. (BRANDÃO, 2011, p.62-63)

Percebemos a progressão desses sentimentos e a mobilização que eles causam a partir da adesão aos discursos compartilhados, elevando seus efeitos a outras instâncias de interação como veremos nos comentários seguintes. Alguns comentários apresentam um comportamento distinto dos anteriores, por lançarem mão de termos e expressões relacionadas a sentimentos negativos em relação à influenciadora ligados à preocupação com as marcas que mantém contrato com ela.



Figura 5 - Comentário 5, 6, 7, 8.

Figura 4 - Comentário 9 e 10.



Comentário 11

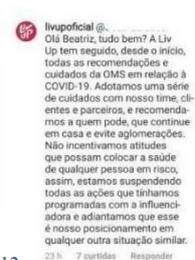


Figura 3 - Comentário 11 e 12

Estes recortes parecem demonstrar uma outra etapa do processo de censura *online* em que, a partir da adesão aos sentimentos de medo e revolta dos oradores, a percepção disfórica citada pela autora, leva também a um efeito de corresponsabilização das marcas com as quais a influenciadora tem contrato firmado, sendo a manutenção de tal parceria uma espécie de pacto com sua atitude desrespeitosa com o mundo, incentivadora da quebra da quarentena e, por consequência, de mais mortes. Esse efeito de sentido organiza a censura que mobiliza neste momento uma cobrança de posicionamento das



N°9 (2023)

marcas. Com a função de incentivar a tomada de atitude os oradores lançam mão de termos e expressões ligados ao campo lexical do fazer, conforme destacado:

- MORTES pelo mundo todo (...) VOCÊS AINDA VÃO PATROCINAR ISSO? (comentário 5)
- HIPOCRISIA pedir pros consumidores fiquem em casa e patrocinar BLOGUEIRA CRIMINOSA. (comentário 6)
- VOCÊS APOIAM O DESRESPEITO À VIDA de Pugliesi? (Comentário 7)
- Vocês viram que a BLOGUEIRA DE VOCÊS (...) está dando uma festa no meio de uma pandemia? (comentário 8)
- NÃO ACREDITO q uma empresa q foca na saúde VÁ ATRELAR A SUA IMAGEM a uma pessoa assim. (comentário 8).

A internet permite a amplificação desses efeitos; medo, indignação, revolta, de forma surreal e incontrolável, passando a enxergar não mais somente o fato como uma ameaça à ordem social e aos valores nela estabelecidos, mas a própria pessoa (de quem se fala) como uma ameaça à vida. O volume de comentários publicados a todo instante se ocupa de expandir esses sentimentos pela teia virtual gerando uma comoção em torno do acontecido, em prol da proteção da vida, pois defender tal valor torna-se imprescindível para a sua manutenção, e *online* todos têm voz e se sentem compelidos, por esses efeitos de sentido, a falar, a se posicionar. As marcas então, temendo a intensificação das críticas e consequente perda de reputação, semelhante ao ocorrido com a influenciadora, partem para uma ação no mundo físico fruto da censura nascida nas redes sociais *online*.

Em resposta à mobilização crítica feita pelo público, algumas marcas replicaram comentários ou emitiram notas oficiais suspendendo sua parceria com Gabriela usando em seus textos termos e expressões que podem ser agrupados em um campo lexical de palavras ligadas a censura e punição, conforme destacado ao longo dos textos:

- Nos inteiramos de toda a situação e resolvemos SUSPENDER A PARCERIA com a influenciadora. (comentário 9 – marca: *Mais Pura*)
- NÃO CONCORDAMOS DE FORMA ALGUMA com o que houve (...). (comentário 9)
- NÃO INCENTIVAMOS atitudes que possam colocar em risco a saúde de outras pessoas (...) sendo assim tb NÃO APOIAMOS a atitude da Gabi e ESTAMOS SUSPENDENDO a parceria. (comentário 10 – marca: *Baw*)
- A Rappi (...) NÃO CONCORDA COM QUALQUER IRRESPONSABILIDADE nesse sentido por isso ESCOLHEMOS ENCERRAR A PARCERIA. (comentário 11 – marca: *Rappi*)



- NÃO INCENTIVAMOS atitudes que possam colocar a saúde de qualquer pessoa em risco, assim, ESTAMOS SUSPENDENDO as ações que tínhamos programadas com a influenciadora. (comentário 12 – marca: *Liv Up*)

A influenciadora teve ao todo oito<sup>15</sup> contratos suspensos após a onda de censura que atingiu o seu perfil a partir de seu comportamento inadequado durante a quarentena contra o avanço do coronavírus. Diferentemente dos internautas, seguidores ou não de Gabriela, seu comportamento em meio à pandemia e a forte censura sofrida por ela, amplificada pelo número incontável de comentários, causou às marcas um efeito de sentido ligado à vergonha e preocupação em ter seu nome envolvido em uma situação considerada pela comunidade como vergonhosa e desonrosa. Tendo em vista que, como afirma Aristóteles (2005),

(...) a vergonha é uma representação imaginária que afeta a perda de reputação, (...) sentiremos vergonha na presença daquelas pessoas cuja opinião nos interessa. Ora, interessa-nos a opinião de quem nos admira, de quem admiramos ou por quem queremos ser admirados (...) (ARISTÓTELES, 2005, p.179)

As opiniões daqueles que interessam às marcas foram compartilhadas em pequenos discursos críticos em que ao mesmo tempo censurava o comportamento vicioso da influenciadora, estabelecia para o orador um caráter virtuoso, o que contribuiu também para a sua rápida adesão, pois todos querem para si o que é belo e honroso. Também as empresas querem ser belas e honrosas aos olhos do auditório, por isso extinguiram sua ligação com a “causadora do mal”<sup>16</sup>, garantindo que sua imagem permanecesse positiva. A partir dessa análise observamos a presença da atividade de censura que chamaremos de censura mobilizadora, que tanto revela seu caráter retórico por vituperar comportamentos considerados inadequados em nosso tempo, quanto sua capacidade de mobilização potencializada por sua disseminação *online*, que resulta em ações punitivas posteriores ocorridas na dimensão física das interações sociais.

#### 4.2 @eucrisguerra – Cris Guerra – (Instagram, janeiro 2021)

Cris Guerra é uma publicitária mineira que ao sofrer a perda do pai de seu filho quando ainda estava grávida, decidiu criar um *blog* para deixar registrado as lembranças desse pai que seu filho só

<sup>15</sup> Gabriela Pugliesi perde parceria com empresas. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,gabriela-pugliesi-perde-parcerias-com-empresas-apos-festa-durante-quarentena,70003284527#:~:text=A%20influenciadora%20digital%20Gabriela%20Pugliesi,sua%20casa%20no%20s%C3%A1bado%2C%2025.&text=A1%C3%A9m%20de%20Gabriela%2C%20a%20influenciadora,poss%C3%ADveis%20a%C3%A7%C3%B5es%20futuras%20com%20ela>.

<sup>16</sup> Também motivada pela vergonha, e pelo temor da continuidade da censura, a influenciadora desativou seu perfil nesta rede social *online*, ficando afastada de seu perfil no *Instagram* por 3 meses.



conheceria por intermédio dela. Assim nasce o “Cartas para Francisco”, um diário de memórias que posteriormente virou livro. Além do *blog* para o filho ela também criou o “Hoje eu vou assim”, blog em que ela compartilha assuntos ligados a moda consciente e intuitiva, tendo como carro chefe o compartilhamento de seus *look’s* do dia. Apesar destes conteúdos terem sido o ponto de partida para o aumento de sua visibilidade no universo digital, sendo bastante conhecida especialmente em Minas, a publicitária, optou por manter no *Instagram* apenas um perfil pessoal, o *@eucrisguerra*. Neste espaço ela concentra 183mil seguidores, com quem divide suas opiniões acerca de assuntos diversos, entre eles o etarismo. É este o tema do recorte escolhido para esta análise, um posicionamento da publicitária, feito em seu *Instagram*<sup>17</sup>, sobre etarismo que movimentou a internet por se dirigir a um vídeo veiculado pelo grupo humorístico porta dos fundos em seu canal no *youtube*. Tendo como protagonista o humorista Fábio Porchat, o vídeo em questão intitula-se “Responsável”<sup>18</sup> e retrata o personagem que, em meio a uma reunião de trabalho *online*, precisa supervisionar o acesso da mãe a mídias diversas para evitar que ela seja enredada pelos perigos de seus conteúdos, com destaque para o digital. Tal fato é apresentado como algo aceito e reconhecido pela sociedade de forma ampla e irrestrita. A fim de provar que este não é um acordo universal, Cris Guerra se levanta enquanto ouvinte para criticar e discordar do fato, pois, ele não representaria um auditório universal, e sim um particular, não podendo ser, portanto, aceito como premissa para nenhuma argumentação. Importa-nos destacar dois pontos: a) A oradora não questiona a natureza conteúdo do grupo, que é a sátira, e sim a construção identitária da mulher madura neste conteúdo específico. b) O texto em análise foi compartilhado em vídeo, o que acrescenta outros elementos de sentido a ele que no momento não serão analisados. Analisaremos a desconstrução do acordo por meio da censura observando os efeitos de sentido produzidos e a representação de valores circulantes, nos quais ela se apoia para a construção do sentido, partindo da análise de suas escolhas lexicais e dos processos de amplificação presentes no texto transcrito abaixo.

Quadro 2 – Transcrição<sup>19</sup> de parte da fala da publicitária Cris Guerra em seu *Instagram*

Não dá para continuar incentivando esse preconceito [00:01:30] [...] As pessoas estão vivendo cada vez mais e a velhice veio para ficar. Hoje a gente vive em média 35 anos mais do que viviam nossos bisavós. É uma segunda vida adulta. Em 2050 o número de pessoas com 65 anos no mundo vai triplicar. [00:01:42]. [...] O tempo passa sim, pra todo mundo o tempo todo. [...] Basta dar uma googlada pra ver que o negócio não é só comigo. [00:04:12]. A Madona já pode estacionar na vaga de idosos do shopping, ela tem 62 anos. O John Travolta tem 66, a Olívia Newton John tem 72, o Caetano e o Gil fizeram 78, e o Blay Brunner e Harrison Ford tem a mesma idade. A Rita Lee tem

<sup>17</sup> O Vídeo também está disponível em seu canal do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=8FbEVSyaRcQ> Acesso em: Janeiro de 2021.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2pSmNUhkfQ> Acesso em: Janeiro 2021.

<sup>19</sup> Para a realização desta transcrição utilizamos como base as normas previstas por Fairclough (2001) em seus estudos.



73, o Chico Buarque tem 76, o Jorge Mautner fez 80 esses dias. A Jane Fonda tem 83, a maravilhosa Fernanda Montenegro tem 90. Ninguém escapa Porchat, nem a jovem guarda: O Roberto e o Erasmo vão fazer 80 esse ano. [00:04:17]. [...] Esse estereótipo já era, não existe uma velhice, existem várias [00:05:16] [...] Um humor tão novo, não pode continuar reproduzindo essa visão ultrapassada sobre o envelhecer. [00:05:40]. [...] Esse vídeo é uma sugestão para vocês se conscientizarem desse preconceito [00:06:17] [...] Que as mulheres maduras, acima de 50 anos no Brasil, já são 29 milhões, mais precisamente 13,7% da nossa população. As mulheres maduras respondem por 50 % do consumo global, [00:07:13], [...] 48% das mulheres no Brasil afirmam ter sofrido discriminação no trabalho por conta da idade. [00:07:58]. [...] o etarismo é como todo preconceito uma grande burrice. [00:09:25]. Não é envelhecer que faz a vida mais difícil, é ficar aguentando piada das pessoas durante uma pandemia que já matou muita gente jovem e da qual muitos idosos saíram curados e fortes. [00:09:33]. [...] eu acho que vocês, talvez por serem jovens, são um pouco distantes e precisam atualizar seu ponto de vista [00:10:52] [...] Atualiza Porchat. [00:11:06]. [...] o que envelhece mesmo é essa obsessão pela juventude. [00:11:06].

Fonte: Recorte do Texto publicado pela autora em seu perfil na rede social Instagram. Disponível em: <https://youtu.be/8FbEVSyaRcQ> Acesso em: Maio 2023.

Observemos a presença de dados como elementos base da crítica emitida pela publicitária:

- As pessoas estão vivendo cada vez mais e a velhice veio para ficar. Hoje a gente vive em média 35 anos mais do que viviam nossos bisavós. É uma segunda vida adulta. Em 2050 o número de pessoas com 65 anos no mundo vai triplicar. [00:01:42]
- (...) as mulheres maduras, acima de 50 anos no Brasil, já são 29 milhões, mais precisamente 13,7% da nossa população. As mulheres maduras respondem por 50 % do consumo global (...) [00:07:13]
- (...) 48% das mulheres no Brasil afirmam ter sofrido discriminação no trabalho por conta da idade. [00:07:58]

Os números falam por ela e comprovam que não é possível a persistência de um estereótipo de senilidade para as pessoas maduras, especialmente mulheres, não só por ser desrespeitoso, mas também porque essa população cresce em números e expressão todos os anos. A oradora entremeia sua censura com informações de fontes externas de maneira a construir um *ethos* confiável e pacífico não só para o ator a quem ela se dirige, mas também para o grande público que navega na internet. Ela diz: “(...) Não dá para continuar incentivando esse preconceito” [00:01:30], apresentando assim o ator, e o grupo, não só como preconceituosos, mas também como incentivadores desse preconceito, rebaixando o objeto do discurso e destacando tal comportamento como uma má ação, ofensiva e fora de contexto. Para dar suporte a esta afirmativa e sublinhar a fragilidade do fato representado pelo episódio “responsável” como acordo aceito universalmente, Cris Guerra encena um contexto de crescimento da população madura de forma muito ativa não só física, mas também economicamente, o que invalidaria ideia de velhos sem discernimento, que precisam de supervisão



dos filhos, apresentada no episódio. Tendo falado sobre este contexto histórico-social, ela fala um pouco sobre o seu caminho no envelhecimento e em seguida inicia um processo de amplificação em que ela traz em sua fala uma série de grandes nomes mundiais e nacionais que já passaram dos 60 anos. Lembrando que,

(...) a amplificação própria do discurso epidítico em geral, é uma estratégia fundamentalmente argumentativa, e não mera questão formal de estilo. Na retórica epidítica o orador também deve esforçar-se para trazer fatos que devem ser convincentes aos olhos do auditório. É preciso provar para persuadir e, para isso, o orador deve mostrar e demonstrar as boas e más ações do objeto, pois as ações são a manifestação das virtudes ou dos vícios das pessoas. (BRANDÃO, 2011, p.61-62)

Se uso é capaz de estabelecer certa credibilidade ao discurso, sendo diretamente ligado à qualidade do orador, é o que afirma Cícero (2009), ou seja, é de ordem puramente discursiva o manejo da amplificação enquanto recurso que valida a argumentação na medida em que confere a ela o brilho do detalhamento que só é capaz de utilizar a seu favor quem domina a causa tratada. No texto analisado, o recrutamento de várias personalidades respeitadas e admiradas por suas trajetórias únicas em suas áreas de atuação amplifica a beleza do envelhecer, gerando efeitos de sentido ligados ao muito que os idosos ainda podem fazer, ao quanto esse é um processo natural ou ainda que os grandes e famosos, assim como o próprio Fabio Porchat, também envelhecem.

“[...] O tempo passa sim, pra todo mundo o tempo todo. [00:03:55] [...] A Madona já pode estacionar na vaga de idosos do shopping, ela tem 62 anos. O John Travolta tem 66, a Olívia Newton John tem 72, o Caetano e o Gil fizeram 78, e o Blay Brunner e Harrison Ford tem a mesma idade. A Rita Lee tem 73, o Chico Buarque tem 76, o Jorge Mautner fez 80 esses dias. A Jane Fonda tem 83, a maravilhosa Fernanda Montenegro tem 90. Ninguém escapa Porchat, nem a jovem guarda. O Roberto e o Erasmo vão fazer 80 esse ano. [...]” [00:04:17]

Ao passo que evidencia que o tempo chega para todos, ela acrescenta elementos que novamente questionam a incapacidade da idade madura, apresentada como fato no episódio encenado por Porchat, pois estes grandes nomes e tantos outros, fazem parte de um auditório diferente daquele a quem se dirige o vídeo do grupo porta dos fundos. A interferência da idade na capacidade de discernimento de uma pessoa não seria então, um fato incontestável, e sim conclusão dessa argumentação específica que se dirige a um auditório particular, jovens, e não a um universal. A amplificação aqui exalta o processo de envelhecimento, buscando recolocá-lo como um valor na sociedade, servindo à censura como um argumento que contrapõe o comportamento vicioso expresso no vídeo, evidencia a indignação da oradora em relação a ele e expõe a incoerência do



discurso criticado, chamando a atenção para o erro sem, no entanto, atacar agressivamente o responsável.

Como afirma Brandão (2011, p.63) outros elementos compõe a organização do sentido no discurso dado à censura. Destacamos aqui as escolhas lexicais da oradora que questionam a autoridade de Fábio Porchat, e do grupo porta dos fundos, para falar sobre o assunto, construindo ao longo do texto uma imagem de desatualização e afastamento da realidade.

#### 4.2.1 Escolhas Lexicais

Com a função de desqualificar o objeto da censura, a oradora escolhe termos e expressões que juntos criam uma atmosfera de ignorância e desconhecimento sobre o assunto, pertencendo ao campo lexical das palavras pejorativas ligadas a ausência de conhecimento e, portanto, incapacidade relacionada ao tema levantado. Em negrito destacamos algumas passagens da fala de Cris Guerra.

- Basta dar uma “*googlada*” pra ver que o negócio não é só comigo. [00:04:12]
- Esse estereótipo já era, não existe uma velhice, existem várias (...) [00:05:16]
- Um humor tão novo, não pode continuar reproduzindo essa visão ultrapassada sobre o envelhecer. [00:05:40]
- (...) esse vídeo é uma sugestão pra vocês se conscientizarem desse preconceito (...) [00:06:17]
- O etarismo é, como todo preconceito, uma grande burrice. [00:09:25]
- Não é envelhecer que faz a vida mais difícil, é ficar aguentando piada das pessoas durante uma pandemia que já matou muita gente jovem e da qual muitos idosos saíram curados e fortes. [00:09:33]
- (...) eu acho que vocês, talvez por serem jovens, tão um pouco distantes e precisam atualizar seu ponto de vista (...) [00:10:52]
- Atualiza Porchat. [00:11:06]
- (...) O que envelhece mesmo é essa obsessão pela juventude. [00:11:12]

As escolhas feitas por ela inscrevem o discurso criticado em um lugar de superficialidade, como por exemplo ao dizer que para acessar o conhecimento atualizado, portanto mais próximo do real, “basta” uma rápida busca no *google*, reduzindo assim, a credibilidade não só do conteúdo, mas daqueles que o produziram. Como afirma Brandão (2011, p.64), “essas palavras, expressões ou fragmentos contribuem, pela sua repetição ou contiguidade semântica, para a coesão depreciativa que se quer construir visando a um efeito argumentativo”. Aliada aos outros elementos apresentados acima, estas escolhas lexicais completam o efeito de sentido de questionamento objetivo da validade do argumento apresentado como fato. A oradora inverte a lógica que concebe os jovens como detentores de autonomia e autoridade acerca do que é aceito socialmente na contemporaneidade inserindo partículas que criticam, informam e situam o grupo humorístico, aqui representado pela



Nº9 (2023)

figura de Fabio Porchat, como desatualizados e desinformados. A atividade de censura observada nesta parte do *corpus*, a qual chamaremos de censura informativa, questiona por meio da apresentação de dados, contrapõe por meio da apresentação amplificada de situações análogas e critica o objeto do discurso por meio de suas escolhas lexicais que delineiam um *ethos* imaturo e pouco confiável para os produtores do discurso criticado. Ela materializa um sentimento de indignação consciente e embasada da oradora com potencial para deflagrar uma onda de empatia e identificação no auditório, aderindo assim aos seus sentimentos (da oradora) e à percepção do absurdo contido no discurso censurado.

## 5- Considerações Finais

Concluimos retomando Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) para quem o gênero epidíctico ocupa lugar central entre os gêneros no processo argumentativo, pois o elogio e a crítica, ao estabelecerem o que é honroso ou desonroso, fornecem as bases para a atuação dos demais gêneros, uma vez que o que é belo tende também a ser bom e justo e, ao contrário, o vício tende a ser ruim e injusto. Entendendo as interações no ambiente digital como uma constante encenação da vida social que acontece em meio físico, se na vida física o gênero epidíctico é considerado central no sistema argumentativo, na vida digital não seria diferente. As redes sociais *online* funcionam como um grande sistema de amplificação retórico em que os discursos tomam proporções maiores e evidenciam potenciais ameaças aos valores acordados pelo coletivo. Por isso a censura é extremamente presente neste ambiente, pois ao mesmo tempo em que no virtual há uma liberdade de representação e interação social maior que na dimensão física, há, na mesma proporção, uma vigilância grande em relação à violação de valores inegociáveis em comunidades diversas. A censura traz à tona situações de ameaça, evoca os valores considerados legítimos e que devem ser defendidos por meio do repúdio das condutas inadequadas, buscando, assim como o elogio e os demais gêneros, a adesão do auditório em favor da questão levantada.

A análise do *corpus* permitiu que pudéssemos vislumbrar como os pressupostos retóricos contribuem na apreciação destes discursos possibilitando a inferência de dois tipos de censura *online*: a censura mobilizadora e a censura informativa. A censura mobilizadora é instaurada e compartilhada pelos vários oradores que compõem as redes, com destaque para aquela comunidade de seguidores em que os valores são ameaçados. Ela gera uma onda de sentimentos negativos em relação ao objeto do discurso que resulta, frequentemente, no julgamento e condenação da personalidade digital envolvida por parte daqueles que possuem prerrogativas para infligir algum tipo de sanção a ela,



como quando marcas cancelam contratos publicitários com influenciadores digitais a partir de críticas recebidas na rede, por exemplo. Nas redes sociais *online* a estratégia de amplificação da censura da má conduta é feita pelos comentários dos internautas, que podem atingir grandes volumes e serem compartilhados em outras redes, alcançando uma enorme proporção. A propagação do epidíctico, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p.55) reforça uma disposição para a ação que, neste caso, consiste na mobilização de esforços para a determinação de uma ação como boa ou ruim e o posterior julgamento de uma personalidade digital como apta ou inapta para representação publicitária de uma (ou mais) dada marca em seu perfil pessoal, deslegitimando-a enquanto oradora confiável e detentora de algum tipo de autoridade.

Já a censura informativa tem seu ponto de partida em um comportamento ou discurso interpretado como inadequado. Diferente da anterior, a censura informativa vai além da crítica, pois apresenta um contraponto ao objeto da censura, por meio de dados, pesquisas, teorias que, ao mesmo tempo em que reforçam a inadequação do comportamento/discurso e, portanto, a necessidade da censura, oferecem um outro ponto de vista. Este tipo de censura acrescenta informações, propõe reflexões e convida ao debate a respeito do objeto da censura. Ela não ataca e não ensina, ela tem uma característica mais argumentativa, questionando e criticando enunciados tidos como aceitos, a partir de uma perspectiva diversa. O simples fato de questionar determinada proposição já é suficiente para que o enunciado tenha sua legitimidade diminuída, é o que afirmam Perelman e Tyteca (2014, p.60), e sendo este questionamento acompanhado de argumentos que justifiquem esta atitude (de questionar), torna-se possível condená-lo tanto por incoerência, baseando-se em dados concretos, por exemplo, quanto por ausência de força argumentativa, representando apenas uma conclusão pessoal. A censura informativa se apoia exatamente nesse questionamento de controvérsias ligadas aos fatos expostos por outros oradores buscando confrontar o objeto do discurso (um determinado fato) com outros fatos que demonstrem a sua fragilidade e inconsistência frente à realidade. Assim, este tipo de censura se dirige a outros oradores cujos discursos partem de fatos passíveis de discussão e crítica, não podendo ser, portanto, base para argumentação acerca da questão levantada.

As modalidades de censuras *online* apresentadas aqui demonstram, como dito por Brandão (2011, p.60) a pluralidade da censura, seu potencial persuasivo e seu longo alcance amplificado pela fluidez da rede. Ao contrário da expressão popular que nomeia os discursos compartilhados nas redes sociais como o “tribunal da internet”, concluímos que estes espaços se configuram na verdade como um grande palco para o gênero epidíctico que, especialmente pela censura, negocia valores e regula comportamentos a partir do que é ou não aceitável, mantendo a coesão social também no meio virtual. Este olhar inicial para os discursos dados à censura nas redes sociais *online* abre possibilidades



para estudos mais aprofundados acerca desta dimensão do gênero, e da própria Retórica aplicada ao meio digital.

### Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 2005. 320 p.

[BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In: Cohen, Jean, et. al. \(Orgs\). Pesquisas de Retórica. Petrópolis, Editora Vozes, 1975, p.3-100.](#)

BRANDÃO, Helena Nagamine. O Discurso Epidítico: Emotividade, Persuasão e Ação. In: EMEDIATO, Wander; LARA, Gláucia M. P. (Orgs.). Análises do Discurso Hoje. Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2011. p.47-67.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 6.ed. Tradução de Roneide Venâncio. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 698p.

CÍCERO, M.T. Do Orador. In: SCATOLIN, Adriano. A Invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de *Ad Familiares*. 2009. 308 f. Tese. (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010-165443/pt-br.php> Acesso em: Abril de 2023.

LOURENÇO, Graciele Martins. A Retórica Clássica no Século XXI: um olhar sobre o Storytelling Organizacional. 2016. 136f. *Dissertação* (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [ret\\_rica\\_cl\\_ssica\\_no\\_s\\_culo\\_xxi\\_14.03.17.pdf \(ufmg.br\)](#) Acesso em: Abril 2023.

MENDES, Eliana Amarante de M. *Retórica para Iniciantes*. Apostila do Curso: A Retórica e sua Pedagogia. Belo Horizonte: Escola de Letras da UFMG, FALE, 2016. Não Publicado.

MOSCA, S. L. D., Lineide (Org). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas, FFLHC/USP, 2001, 2ed. 198p.

PERELMAN, C.; OBLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 15-125.



Nº9 (2023)

56

CÍCERO, M.T. Partições Oratórias. In: PINHEIRO, Nídia, E. M. Cícero, *As Divisões Da Arte Oratória: Estudo e Tradução*. 2010. 116 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes – Literaturas Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade Do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56752> Acesso em: Abril de 2023.

QUINTILIANO, Marcus Fábio. *Instituições Oratórias*. Tradução [de] Jerônimo Soares Barboza. São Paulo: Cultura, 1944. 2v. 355p. (Série Clássica Universal)

SILVA, Bárbara Amaral; LOURENÇO, Graciele Martins. Um estudo sobre argumentação no Facebook da Paróquia Nossa Senhora da Divina Providência. *Revista ContraPonto*, vol. 04, n. 06. Belo Horizonte: PUC Minas, 2014. p.13-16. Disponível em: [v. 4 n. 6 \(2014\): Linguística | ContraPonto \(pucminas.br\)](#) Acesso em: Maio 2023.